

ÁLVARO DE CAMPOS: A SOLIDÃO COMO FUNDAMENTO

ESTRELA, Luiz Manuel de Matos
NASCIMENTO, Paloma Batista.
Paloma_Baptista@hotmail.com.br

RESUMO

O presente artigo científico tem como objeto de estudo a análise de alguns poemas do heterônimo Álvaro de Campos dando ênfase ao tema “a solidão como fundamento”.

O artigo aborda o contexto histórico de Portugal, a biografia do poeta Fernando Pessoa e os estudos sobre o heterônimo Álvaro de Campos. O caminho metodológico escolhido per este artigo consiste na pesquisa bibliográfica. Esta pesquisa consiste em consultar opiniões de diversos autores que, a partir dos estudos sobre o heterônimo Álvaro de Campos chegaram a conclusões importantíssimas acerca daquilo que constitui o tema deste artigo científico.

INTRODUÇÃO

O tema deste artigo científico é a solidão no contexto poético dos poemas Aniversário, Nuvens, Insônia, Apontamento e Bicarbonato de Soda do heterônimo Álvaro de Campos, personagem criado pelo autor português Fernando Pessoa. Álvaro de Campos é o poeta mais afinado com o modernismo e o futurismo. Ele expressa na sua poesia uma verdadeira inspiração sem comando, solta, agressiva e pessimista. Exalta as máquinas, as fábricas, o movimento, a solidão. Todo esse contexto é o tema a ser explorado no trabalho de conclusão do curso Letras-Português.

No início do século XX, Portugal vive um período de intensa mudança política. Morte do rei D. Carlos e seu filho, que foram brutalmente assassinados, põem fim à monarquia e são responsáveis pela proclamação da república em 1910. Formam-se então duas facções políticas: a republicana, que defendia os ideais do golpe de 1910, e a anti-republicana, preservando o conservadorismo monárquico. Com a repercussão da queda da monarquia e da República é retomado, com entusiasmo, o espírito nacionalista do povo português. Vários artistas e intelectuais lançam um projeto de reconstrução da cultura portuguesa.

Em 1910, foi criada “A Águia”, revista mensal de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social, dirigida por Teixeira de Pascoaes e Jaime Cortesão com a colaboração de Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. Tudo isso prepara o despertar do Modernismo Português que surge no ano de 1915, com a publicação da revista Orpheu, a mais importante das publicações da época. A revista destacou-se não só por causa dos textos que provocaram escândalo na sociedade portuguesa mas também pela influência que esses textos exerceriam sobre as gerações seguintes.

Os principais representantes da primeira geração modernista, em Portugal, foram Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almeida Negreiros, Luís de Montalvor e o brasileiro Ronaldo de Carvalho. Sendo Fernando Pessoa o principal escritor e colaborador desse novo estilo literário e que, ao lado de Camões, é considerado um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos. Nasceu em Lisboa, órfão de pai e mãe, Pessoa cultivou tanto a poesia quanto a prosa. Escreveu também textos de estrutura dramáticos. Sua singularidade e sua criatividade são incomparáveis em toda a literatura de língua portuguesa e, talvez, em toda a literatura universal. Todos esses atributos deram origem a heteronímia.

Fernando Pessoa não criou apenas obras literárias mas também heterônimos, traves da sua inteligência e imaginação fértil com biografias, traços físicos, profissão, ideologia e estilo próprios.

Os heterônimos, que mais se destacaram foram: Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Segundo Pessoa, Alberto Caeiro é considerado o mestre de reis e Campos e do próprio Pessoa. Caeiro extrai seu pensamento não de seu contato com a natureza. Ricardo Reis é indiferente a vida social, valoriza a vida campestre e a simplicidade das coisas. Reis se sente fruto de uma civilização decadente. Já Álvaro de Campos, o objeto de pesquisa desse trabalho, procura transmitir o espírito do mundo moderno, das máquinas, de multidões e da velocidade na sua poesia.

E, é claro, não se pode esquecer o próprio nome Fernando Pessoa, que, utilizado também como assinatura de muitos textos, constitui mais uma face da obra do escritor. Contudo, Pessoa traz consigo certos traços como o nacionalismo. Pessoa, ele mesmo, escreveu Mensagem, onde procura reviver o sonho da grandiosidade da nação portuguesa e, também, a obra o Cancioneiro que expressa todo o seu lirismo.

ÁLVARO DE CAMPOS: A SOLIDÃO COMO FUNDAMENTO

A idéia de realização deste artigo científico surgiu a partir da identificação de que a literatura como manifestação artística é uma forma de conhecimento. Ela aponta sempre para o que falta no mundo e em nós.

A literatura pretende dizer as coisas como são: faltantes, ou como deveriam ser, completas. Trágicas ou felizes, negativa ou positiva, ela está sempre dizendo que o real não satisfaz. A imaginação como fuga ou compensação, como prazer, é exercitada por todos os seres humanos.

E é nesse sentido que a literatura pode ser, e é revolucionária. E nada melhor que o poeta português Fernando Pessoa para representar a literariedade. Em outras palavras, o seu projeto de arte é tão vasto, e capacidade criadora tão amplas, que não lhe bastava criar uma única obra. Por isso, por meio da sua criatividade, concebeu várias personalidades poéticas a que ele chamou os seus heterônimos, cada um dos quais tem um estilo e uma atitude que os distingue dos mais. Sua poesia, escrita pelos heterônimos (Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis), que são outros-eus de sua personalidade multidivida, a fim de conhecer todos os lados da verdade, ou todas as verdades.

Um deles, de nome, Álvaro de Campos, em que pôs “ toda emoção que não dou nem a mim nem a vida”, um personagem complexo, que se interroga sobre o mais íntimo do seu eu. Campos representa o delírio, o êxtase, o desânimo, a solidão, a amargura em seus poemas. Essas sensações se combinam com uma angústia intensa, que caracteriza a poesia de Campos.

“Partindo do “Nada que é tudo”, Fernando Pessoa procura reconstruir o mundo, em busca do absoluto que existiria através ou acima do relativo. Os heterônimos são, deste

modo, vias de conhecer a complexidade impossível para um único indivíduo”.(Amora, Massaud, Spina, 1961).

Álvaro de Campos, o poeta das Odes Futuristas, leva o subjetivismo até ao seu excesso, ao objetivá-lo poeticamente. No ato de percepção sensorial o que interessa Campos é o sujeito da sensação não o seu objeto. E de tal modo este filho indisciplinado da sensação como chama Pessoa a Encara subjetivamente, que as coisas lhes são em última análise indiferentes.

“Uma vez que “sentir é tudo”, “é lógico concluir que o melhor é sentir toda a casta de coisas de todas as maneiras”. Este “excesso de sensações torna-se, enquanto Leitmotiv da poesia de Campos, também um excesso de expressão dando-nos assim a chave da sua poética” .(Seabra, 1974).

Álvaro de Campos é o poeta das emoções filtradas pelo intelecto, por um acentuado apego à solidão tema analisado nos poemas Nuvens, Insônia, Apontamento e Bicarbonato de Soda, no trecho seguinte transcritos do livro “Ficções do Interlúdio”.

Análise do poema nuvens:

A solidão em Álvaro de Campos manifesta-se, também, no poema “Nuvens”. O que, de fato, torna-se presente nesse heterônimo pensado por Fernando Pessoa é uma solidão existencial. Isso, porque o eu-lírico, no momento em que renega a solidão social, em seu plano político, econômico e sócio-cultural, revela-se um ser triste, de uma tristeza existencial. Logo, como ponto de elo entre a solidão existencial e o eu-lírico está o “nada”.

É o que corrobora a primeira estrofe do poema em questão:

“ No dia triste o meu coração mais triste que o dia . . .
Obrigações morais e civis?
Não, nada . . .
O dia triste, a pouca vontade para tudo . . .
Nada . . .”

O eu-lírico assume o ponto de vista que a sua tristeza é diferente da tristeza de outros seres. Sequer é uma tristeza de poeta e sim uma tristeza existencial, em outras

palavras, “ a pouca vontade para tudo”. Essa pouca vontade, que o eu-lírico exprime, nasce por causa de uma consciência filosoficamente existencial de estar no mundo. Mas, o que é estar no mundo para o eu-lírico? Estar no mundo é distinguir a verdade da diferença entre o pensar e o sentir é um, o pensar é outro.

No poema “Nuvens”, a solidão não pode ser percebida de modo simplório. É, justamente, por não haver, na causa da tristeza do eu-lírico, uma “complexidade de deveres, de conseqüências?”, que o tema “a solidão” adquire um teor de estudo científico. Chave mestra do poeta a solidão não é um mero problema econômico, um estar pobre ou rico, não é um mero problema político, nem cultural, a solidão é um problema filosófico. Na concepção de Álvaro de Campos, há aquelas pessoas que existe, em comum, entre os dois é que o destino é o mesmo para todos: o nada existencial, filosófico, acima das “obrigações morais e civis”. Abaixo, os versos confirmam essa dualidade:

“ Não sentem: por isso são deputados e financeiros,
Dançam e são empregados no comércio.
Vão a todos os teatros e conhecem gente. . .
Não sentem: para que haveriam de sentir?”

Pura ingenuidade pensar que Álvaro de Campos privilegia a vida dos “deputados ou financeiros”. Outra fatalidade é também iludir-se de que o poeta privilegia a vida dos que sentem. A resposta é nem uma nem outra. Talvez não seja tão simples, entender assim, à primeira vista, pois tudo transparece, mas enquanto forma de metáfora. O que o eu-lírico pensa é que a pessoa precisa evitar totalmente o sentir, assim, da mesma maneira, que fazem os deputados e financeiros (em contradição às pessoas que supervalorizam a literatura ou outras ações ligadas ao sentir) no momento em que vão ao teatro, por exemplo. E o que eles fazem? Saem imunes, para eles a interpretação sensata é que o espetáculo artístico é pura fantasia, até mesmo quando autobiográfico, não passa de um mero

espetáculo. É esse comportamento, do qual é capaz o deputado e o financeiro, que o eu-lírico mais privilegia. Em poucas palavras, entre pensar e sentir, o eu-lírico opta pelo caminho da solidão, que é o pensar. Esse pensar, razão da tristeza filosófica, como foi dito antes, é uma consciência do estar no mundo. Já o estar no mundo, que implica sempre uma forte angústia, anuncia a verdadeira tristeza que existe na vida. Nada mais, nada menos que a tristeza existencial, resultado do processo da consciência de si mesmo.

Em apenas cinco estrofes, redigidas em métricas do descompasso, através da alternância de versos longos e curtos, o poeta transmite seu ar sublime de nostalgia, mas que é obrigado a permanecer no devir. O devir é, para a filosofia existencialista do século XX, o vir a ser. Em Frederich Nietzsche, essa angústia vai ser flagrada no Niilismo, que é descrença total pela positividade da vida.

A expressão “dia triste”, de tanto que ecoa no poema, chega a assemelhar-se a um refrão. No entanto, a todo momento, o eu-lírico, paradoxalmente, proclama-se mais triste que o dia. É paradoxal, pois se, então, o poeta, está livre do sentir, ou seja, da carga de emotividade, alheio ao espírito nacionalista e aos amores terrenos, deveria ser um ser feliz, em liberdade. Mas o que se encontra é uma tristeza sempre atrelada à angústia do de vir a ser.

Assim, o poema encerra-se, em uma estrofe que é mais uma conclusão disfarçada de estribilho:

“ No dia triste o meu coração mais triste que o dia. . .
no dia triste todos os dias. . .
no dia tão triste. . .”

Análise do poema Insônia:

O problema da solidão perpassa por vários poemas de Álvaro de Campos, entre eles, Insônia.

Faz sentido afirmar que esse poema, entre vários outros, aborda questões universais. Todos os seres humanos são passíveis a sofrer de insônia. O que não se pode deixar de notar é que são raros aqueles que sofrem de insônias motivadas pelas mesmas angústias que motivaram as angústias existenciais do eu-lírico.

Nesse poema, o leitor é conduzido a penetrar na natureza morta e opaca da noite. Essa noite é aquela que esconde um enorme silêncio. Este silêncio de fora coincidirá ternamente com o silêncio de dentro do poeta, como ele mesmo afirma:

“ Não tenho força para ter energia para acender um cigarro.
Fito a parede fronteira do quarto como se fosse o universo.
Lá fora há o silêncio dessa coisa toda.
Um grande silêncio apavorante noutra ocasião qualquer,
Noutra ocasião qualquer em que eu pudesse sentir.”

Sem dúvida, não é vocabulário do poeta algo esdrúxulo, muito pelo contrário, uma das portas para defender a tão larga aceitação dos poemas de Fernando Pessoa e seus heterônimos é, justamente, essa simplicidade vocabular, o vocabular é uma via de acesso para um denso caminho que é o encontro consigo mesmo. Não há como haver simplismo em um poeta que leva o seu público ao conhecimento do eu-lírico, e, por extensão, ao conhecimento de si mesmo, enquanto público.

Em estado de vigília, o eu-lírico vivencia uma angústia intensificada pela autoflagelação da consciência, consciente de si e do outro, e, principalmente, consciente de que “(...) o sentimento é um pensamento vazio”:

“ Não durmo; não posso ler quando acordo de noite,
Não posso escrever quando acordo de noite,
Não posso pensar quando acordo de noite

Meu Deus, não posso sonhar quando acordo de noite.

Ah, o ópio de ser outra pessoa qualquer!”

Não há dúvida de que todo esse excesso de negação acima é uma amostra da negatividade assumida pelo poeta diante da vida. Tentando explicar melhor o que conduz o poeta a invocar por Deus, em busca de um sonho que o conforte, surge a ideologia da descrença nos valores terrenos. Sejam eles quais forem, principalmente, aqueles que visam luxo, a soberba ou a bonança. Só que, essa descrença nos valores terrenos, não é em si uma afirmação aos valores espirituais. Muito pelo contrário, Álvaro de Campos nunca foi um poeta dotado de concepções metafísicas, que visam um mundo do além ou além do plano fisicamente concreto. Sua história, enquanto poeta, é marcada por substancial de versos futuristas, que valorizam, de acordo com as manifestações do artista italiano Marinetti, o poetizar do progresso e da velocidade. “Deus”, em hipótese alguma, deve ser entendido como o Deus do cristianismo ou de outra religião dogmática. O poeta é ciente que Deus assemelha-se à solidão. Em outras palavras, Deus é uma enorme insônia, avassaladora e silenciosa.

Assim, em meio a esse desconforto, essa tristeza existencial que não conduz à solidão - mas que é em si própria, a solidão – é que o eu-lírico transfere irremediavelmente a sua angústia filosófica em um posicionamento estético. Avulta no poema, em si, também uma solidão estética, quando o poema dispõem-se a versar sobre o próprio poema:

“ Estou escrevendo versos realmente simpáticos
Versos a dizer que não tenho nada que dizer,
Versos a teimar em dizer isso,
Versos, versos, versos, versos, versos. . .
Tantos versos. . .
E a verdade toda, e a vida fora dele e de mim!”

No entanto, o verbete verso significa, em si, algo de negativo. A solidão sobrevive diante dessa negatividade. Os versos embriagados de solidão apresentam, em sua realidade, o ar de simpatia, como confirma o primeiro verso da citação acima. No entanto é incapaz de diluir a solidão e a tristeza, e por isso, o poeta perde, durante a insônia, a noção do tempo:

“Que horas são? Não sei.
Não tenho energia para estender uma mão para o relógio,
Não tenho energia para nada, para mais nada. . .
Só para estes versos, escritos no dia seguinte.
Sim, escritos no dia seguinte.
Todos os versos são sempre escritos no dia seguinte.”

No trecho acima o poeta diz que todos os versos são escritos no dia seguinte. Certamente, para o eu-lírico o verso nunca será escrito, sem que antes, haja, no poeta que for escrevê-lo, um grande momento de insônia. Já que é na insônia, mas não ter com quem conversar nem novidade no que dizer, é que o eu-lírico manifesta seu ponto de vista, que vê como inutilidade o gozar da vida:

“Noite absoluta, sossego absoluto, lá fora.
Paz em toda a natureza.
A humanidade repousa e esquece as suas amarguras.
Exatamente.
A Humanidade esquece as suas alegrias e amarguras.
Costuma dizer-se isto.
A Humanidade esquece, sim, a Humanidade esquece,
Mas mesmo acordada a Humanidade esquece,
Exatamente. Mas não durmo.”

Esses versos engendram a mais fina ironia que circunda por vários e vários poemas de Álvaro de Campos. Ironia essa corrosiva, pois abrange o âmbito filosófico.

Ironia essa que, no poema insônia, findou por se entrelaçar com a temática da solidão.

Análise do poema Apontamento:

No poema anterior, “Insônia”, buscou-se esclarecer a concepção de Deus, negou-se, então, a idéia de que houvesse no eu-lírico uma concepção de um Deus católico. A solução do problema, tornou-se mais ininteligível em mãos do poema “Apontamento”. Na primeira estrofe desse poema lê-se:

“A minha alma partiu-se como um vaso vazio.
Caiu pela escada excessivamente abaixo.
Caiu das mãos da criada descuidada.
Caiu-se fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso”.

É porque Deus, para Álvaro de Campos, metaforicamente, corresponde muito mais a essa “criada descuidada”. A noção de alma não deve ser entendida como uma questão metafísica. Para o poeta, a alma equivale ao Eu. É desse Eu enigmático que o poeta está em busca:

“Asneira? Impossível? Sei lá!
Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.
Sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir”.

O capacho, enquanto signo verbal, historicamente, apresentou, tanto na língua falada, quanto escrita, de Portugal, um significado daquele que é submisso a um outro alguém. Curioso é que, um ‘capacho’, segundo o poeta, que nos sacode o tempo todo, pode significar uma metáfora de Deus. Além do mais, ao afirmar “sou um espalhamento de cacos”, o eu-lírico confessa a incompatibilidade desse Eu ao estar no mundo.

Primeiro, porque estar no mundo implica ser e, conseqüentemente, não ser, Isso quer dizer que, o poeta afirma que é (o ser) e, simultaneamente, mostra-se fragmentado, espalhado, ou seja, o não ser. Depois porque os casos são outros Eu, incompatíveis entre si, pois vivem na e com a ilusão do sentimento, o sentir em detrimento ao pensar, pois este carrega toda uma tristeza, toda uma solidão.

Para recontar o mito da criação, ao menos, da criação de si mesmo (do seu eu), o poeta, evidentemente, alia-se aos meandros obscuros das metáforas. Assim, como se associou aqui Deus à “criada descuidada”, o prosseguir dos versos, no poema “Apontamento”, vê-se que a imagem da criada vai ser sutilmente modificada em sua aparência, mas esclarecedora em sua essência:

“ fiz barulho na queda como um vaso que se partia.
Os deuses que há debruçam-se do parapeito da escada.
E fitam os casos que a criada deles fez de mim.
Não se zanguem com ela.
São tolerantes com ela.
O que era eu num vaso vazio?
Olham os cacos absurdamente conscientes,
Mas conscientes de si mesmo, não conscientes deles.
Olham e sorriem.
Sorriem tolerantes à criada involuntária”.

Por trás do enigma da “criada descuidada”, surge agora entre os versos acima o entendimento de que a criada, além de estar abaixo dos Deuses, é apresentada como “criada involuntária”. Os deuses, então, ao olharem para os cacos (eu), atua como verdadeiros Narcisos. Eles conscientizam-se apenas de si mesmos, mas não adquirem a consciência dos cacos (eu).

O que se pode deduzir dessa brincadeira enigmática, que tende a parodiar, indiretamente, o mito da criação, é que “os deuses” que aparecem no poema são os seres humanos, no sentido geral. Por que? A razão é que Álvaro de Campos não era um poeta de movimentos literários de épocas clássicas, que deva satisfação estética às mitologias grega e latina. Logo, o “Deus” é uma “criada involuntária”, os deuses (os seres humanos) sorriem, pois o sentir é mais intenso que o pensar, em frente aos cacos (eu). Isso é verificável nos últimos versos do poema:

“Alastra a grande escadaria atapetada de estrelas.

Um caco brilha, virado do exterior lustroso, entre os astros.
A minha obra? A minha alma principal? A minha vida?
Um caco
E os deuses olham-o especialmente, pois não sabem por que ficou ali”.

O maior problema para o ser humano é, sem dúvida alguma, de ordem filosófica. Talvez, a sua angústia seja maior por não saber quem é. A velha indagação do “quem sou eu?”. Como relatou o poeta, os deuses (os seres humanos) olham os cacos (eu) que brilham, de modo especial; no fundo, não sabem porque estão ali. Parafraseando, não sabem quem são. O motivo é apresentado no meio do poema: ao invés de os deuses (os seres humanos) tomarem consciência inútil dos cacos (eu), tomam consciência apenas de si mesmos (consciência de serem deuses – ser humano), não sabem responder a velha pergunta “quem sou eu?”.

Análise do poema Bicarbonato de Soda:

O composto químico conhecido como bicarbonato de soda tem utilidade para o tratamento de azia ou má digestão. Mas também, “Bicarbonato de Soda” é o título de um poema de Álvaro de Campos, no qual a angústia é o ponto nevrálgico nessa poética.

Paradoxalmente, é que o poeta manifesta a sua angústia e, novamente, é dividido entre o sentir e do pensar. A angústia é súbita e assemelha-se a uma náusea no estômago. Só que o sentir mostra-se ao poeta como um ‘esterco metafísico’, simbolizado através da palavra ‘propósitos’, observe:

“Súbita, uma angústia...
Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!
Que amigos que tenho tido!
Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!
Que esterco metafísico os meus propósitos todos!”

No poema “Nuvens”, o poeta já se posicionava através de uma perspectiva de um viajante, assumindo então uma neutralidade, ou seja, nem ser daqui, nem de lá, nem de

lugar algum. Novamente, no poema acima citado, o poeta incorpora esse espírito andarilho, contrário a qualquer tentativa de nacionalismo, consciente da alienação intrínseca ao comportamento patriótico. As cidades, por ele percorridas, são vazias.

O ‘esterco metafísico’, é justamente aquele tipo de ideologia platônica, enfadonha, alienadora. No momento em que o poeta afirma possuir propósitos, questiona morbidamente os valores desses mesmos propósitos, em ressalva à metafísica que há neles. Em outras palavras, o enigma do sentir. Mas desse enigma o poeta se esquece, para mergulhar no enigma do pensar. No entanto, esse enigma do pensa, instaurador de uma tristeza existencial, à medida que vai sendo decifrado pelo eu-lírico, vai também condicionando o surgimento da solidão. Dizem então que o poeta Álvaro de Campos entendia a Metafísica de modo pejorativo, capaz apenas de guiar o ser para o enigma do sentir, mas não, assim como queria o poeta, o desvendar (ou sua eterna procura) do enigma do pensar. Por essa tensão entre a transposição de um enigma para outro, é que surgem as palavras do poeta, na terceira estrofe, de um poema com apenas cinco estrofes:

“Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?
Não: vou existir.Arre! Vou existir.
E-xis-tir. . .
E-xis-tir. . .”

A solidão, então, entremeada a uma angústia, não disso, nem daquilo, mas uma angústia existencial, culmina em um importante dilema: o suicídio seria o ponto crucial da filosofia do Niilismo, desenvolvida por F. Nietzsche, debatida anteriormente.

O suicídio não é uma certeza, pelo contrário, é o próprio signo verbal “existir”, tão intenso que o poeta mostra-o através de uma separação silábica, que contrasta e confronta-se com a idéia do suicídio. A separação silábica é, muito provavelmente, para intensificar a ação do verbo ‘existir’.

Existir, para o poeta, é o revelar das entranhas que habitam no Eu. Tais entranhas, quando está livre a mente da metafísica, promovem ao eu-lírico, se por um lado a liberdade, por outro, nostalgicamente, acarretam em ausência de esperança, como comprovam os versos abaixo da quarta e última estrofe:

“Meu Deus! Que budismo me esfria no sangue!
Renunciar de portas todas abertas,
Perante a paisagem todas as paisagens,
Sem esperança, em liberdade.
Sem nexos.
Acidente da incoerência da superfície das coisas,
Monótono mas dorminhoco.
E que brisas quando as portas e as janelas estão todas abertas!
Que verão agradável dos outros!
Dêem-me de beber, que não tenho sede!”

Sabe-se que o Budismo é uma religião que se caracteriza, antes de tudo, em primazia, pela renúncia dos prazeres mundanos, para o alcance de uma vida em equilíbrio, assim como o Buda chegou ao estado do Nirvana. A comparação do poeta, meio que por ironia e humor, é então ilustrativa, para que se possa melhor compreender a renúncia dele em relação ao sentir.

A solidão, então, manifesta-se através de uma repetição constante das mesmas cores, como diz o poeta, “Perante a paisagem todas as paisagens”. Ou seja, entre viajar ou ficar, não há diferença. Essa é a voz da nostalgia intelectual proporcionada pelos poemas de Álvaro de Campos, que faz quase sempre seu interlocutor refletir sobre a tristeza e a validade desse sentimento, o que existe é a alternância entre “a ilusão da alegria” e “a ilusão de tristeza”; no entanto, quando é condicionada pelo pensamento, assim como o é em Álvaro de Campos, resguarda uma atitude de renúncia, que muitas vezes impulsiona a ação da angústia sobre o suicídio. A tristeza, quando pensada, é real, por ser filosoficamente existencial, acima, bem acima, dos problemas políticos e econômicos.

O poema encerra-se com que é paradoxo: “Dêem-me de beber, que não tenho sede!”. Esse paradoxo é, na verdade, símbolo da fragilidade, ou seja, da melancolia que absorve, em forma de pensamentos, o eu-lírico. A solidão que existe por escolha, não por fato. Uma solidão por consciência de si e de outro, enfim, auto-conhecimento de um Eu. Só que, ao mesmo tempo, um Eu inconciliável, incompreendido em sua totalidade. Um Eu que é também um – não eu, um nada. Um nada esse que é totalmente filosófico, que é Eu, mas, simultaneamente, é nada. Assim também o Eu, que é nada, em sua essência diluída sempre no – não eu, mas que é Eu, e se não fosse, tudo o que aqui se afirmou, não teria fundamento.

Não há dúvida alguma que Fernando Pessoa deixou uma grande contribuição de arte literária. As razões que teriam levado o poeta português a esse projeto tão grandioso tem sido objeto de estudo há décadas e provavelmente, ainda deverão ser por muitos anos.

